

GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRÁTICA DOCENTE: A ESCOLA COMO PALCO PARA DIVERSIDADE

Lucas Luis da Silva ¹
Luan Ferreira da Silva Paz ²

RESUMO

Este estudo tem como intuito, indagar os impactos causados pela imposição da heteronormatividade e padrões patriarcais na escola, quebrando a norma da binariedade como única expressão de gênero. Quais práticas devemos adotar enquanto docentes para combater as violências e diversos preconceitos, vivenciados por corpos queer? Abordar no cotidiano escolar questões sobre gênero e sexualidade permite que esses corpos permaneçam no ambiente educacional que diante da violência vivida seja ela direta ou indireta, acabam sendo retirados do lugar que deveria ser de acolhimento e inclusão. Neste sentido, o objetivo deste ensaio é externar aos educadores práticas docentes que façam da escola um espaço efetivo de inclusão e diversidade, diante disso é notado a necessidade de se discutir e pensar na sala de aula e no cotidiano do aluno na escola as problematizações sobre o que tange a diversidade sexual e de gênero, de maneira a expungir a exclusão, o preconceito, e violências, experimentadas por estes corpos em sua trajetória escolar respeitando a subjetividade de cada indivíduo, para que a escola seja para esses corpos palco da sua diferença e que suas individualidades sejam expressas e respeitadas em suas múltiplas diferenças. Negar ou reprimir essas manifestações é algo comum no ambiente escolar em qualquer que seja o nível de ensino, é preciso que nós enquanto educadores possamos intervir desmistificando os preconceitos impostos sobre os corpos queer, ao longo de toda construção social da humanidade.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Sexualidade, Diversidade, Docência.

INTRODUÇÃO

A escola nos últimos anos tem sido apontada como um espaço onde as diferenças se cruzam, principalmente em uma sociedade cada vez mais diversa, espaço onde diversidade de gênero e raça, pluralidade cultural e outros aspectos se fazem presentes demonstram que essa atribuição está correta. Apesar desse fator está devidamente evidenciado, é perceptível que ainda há muito o que se fazer nesse tocante para que as diferenças sejam totalmente incluídas nesse espaço de ensino-aprendizagem, afastando então resquícios de homogeneização que possam restar para um melhor convívio daqueles que fazem parte da comunidade escolar (MOREIRA, CANDAU, 2003).

¹ Graduando do Curso de Ciências biológicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lucasluis35@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luanpaz181@gmail.com.

Mesmo que estejam sendo traçadas estratégias e os debates acerca dos estudos sobre gênero e raça estejam cada vez mais presentes nas salas de aula, é preciso reconhecer que muito tem de ser feito. O primeiro passo para ter sido feito, surge com a legislação, mas ainda é preciso reconhecer que, na prática, principalmente nos espaços de escolarização, ainda existam algumas barreiras, como o preconceito e a discriminação.

Nesse sentido, a presente pesquisa procura de modo geral identificar como a escola se comporta diante da diversidade a qual frequenta seus espaços, bem como uma formação docente adequada pode fornecer uma melhor experiência para os discentes que estão inseridos nos grupos invisibilizados, tendo em vista que sobre estes recaem o desafio, pois atuam no processo de mediação entre teoria e prática.

Onde se pode ter como resultado da mesma pesquisa, a percepção de que os docentes ainda sentem dificuldade em abordar assuntos como raça e gênero em sala por medo de represálias por parte de terceiros, pois os debates em torno desses temas ainda surgem como algo espinhoso em uma sociedade que demonstra o seu lado conservador, por mais que estes mesmo docentes busquem cada vez mais se aperfeiçoar e terem a autoridade da escolha de temas que vão ser debatidos em sala, autoridade esta que existe pelo menos na teoria.

A QUESTÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE JÁ FOI FEITO E O QUE AINDA SE PODE FAZER

É do conhecimento de todos que o lugar mais adequado para se trabalhar a diversidade seja em sala de aula, tendo em vista que este espaço absorve indivíduos de diversas classes sociais e econômicas. Importante frisar que um elemento chave nesse processo de trabalho com a diversidade são os professores, sendo necessário que estes em seu processo de formação estejam antenados aos procedimentos necessários para que os debates surjam de modo interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem.

Parte do esforço dos professores para que em conjunto com seus alunos, possa se trabalhar assuntos que estão em debate na sociedade contemporânea, tendo em vista que tais discussões colaboram para que estes discentes sejam mais ativos nos meios a qual estão inseridos, além de terem a capacidade de desenvolver e praticar elementos como a moral e a ética, estes essenciais para o convívio entre grupos diversos em inúmeros aspectos.

Essa preocupação desses agentes importantes se inserem nos estudos sobre pluralidade cultural, multiculturalismo e diversidade que cada vez mais pesquisadores decidem trazer contribuições quando se pensa o espaço escolar, tendo em vista que os debates e pesquisas

demonstraram que há uma associação entre cultura e educação quando ambas andam lado a lado no processo de escolarização. Mesmo com os esforços desses professores, ainda é preciso reconhecer que no espaço escolar sempre imperou as barreiras para a consolidação do trabalho envolvendo as diferenças, se sobressaindo apenas a homogeneização em torno daqueles que compõem a comunidade escolar (MOREIRA, CANDAU, 2003).

Por isso é importante se pensar em provocar mudanças nos currículos dos cursos de licenciatura, pois o docente é aquele que vai atuar na mediação do conhecimento na teoria quando aplicado na prática, peça fundamental para que a diversidade cultural, étnica e sexual seja discutida em sala. Conforme estabelecem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 39-40),

Pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais. Contudo, ao mesmo tempo em que não se aceita que permaneça a atual situação, em que a escola é cúmplice, ainda que só por omissão, não se pode esquecer que esses problemas não são essencialmente do âmbito comportamental, individual, mas das relações sociais, e como elas têm história e permanência. O que se coloca, portanto, é o desafio de a escola se constituir um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente perante elas.

Ou seja, essa falta de formação adequada dos professores reflete diretamente nessa dificuldade em se trabalhar a diversidade em sala de aula, situação que para ser modificada vai ter como pontapé inicial uma mudança e reconhecimento do entender a diversidade nos currículos dos cursos de licenciatura, pois a partir desses esforços, o resultado vai ser a formação de alunos que consigam identificar as diferenças e do mesmo modo compartilharem os mesmos espaços sem discriminação, entendendo que o ambiente escolar se constitui como “um espaço de cruzamento de culturas, fluido e complexo, atravessado por tensões e conflitos” (CANDAU, 2008, p. 15).

As contribuições nesse sentido ainda surgem com Moreira e Candau (2003) na perspectiva de que diferenças quando tratadas nas escolas ainda surge como algo espinhoso e polêmico, pois “abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar” (MOREIRA, CANDAU, 2003, p. 161).

Considerando esses aspectos em torno do trabalho da diversidade no ambiente escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) ainda destacam que a mesma:

[...] diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL, 1997, p. 19).

Situação que pode se consolidar e seus objetivos alcançados justamente a partir do fortalecimento da formação adequada dos professores que já estão em sala e especialmente dos que continuam se formando. Principalmente para estes últimos, pois,

Para que se possa avançar nesse processo, o papel dos(as) professores(as) é fundamental. Nesse sentido, a formação docente, tanto a inicial como a continuada, passa a ser um lócus prioritário para todos aqueles que queremos promover a inclusão destas questões na educação. No entanto, essa preocupação está ainda muito pouco presente nesses processos, ainda que se venha dilatando o espaço que tem conquistado nas diferentes instituições formadoras. (MOREIRA, CANDAU, 2003, p. 166).

Do mesmo modo, é preciso reconhecer que não é uma tarefa fácil, tendo em vista que muitas das vezes o tema diversidade não tenha o foco que merece nos currículos de curso de formação de ensino superior, sendo muitas vezes os professores tendo que recorrer à formação continuada em discussões específicas para o seu aperfeiçoamento, buscando cada vez mais o fortalecimento dos debates que tenham como foco a diversidade presente nas escolas.

QUANDO IMERSOS NA PRÁTICA ESCOLAR: SOBRE DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES

O que fica em evidência é que o mesmo movimento de se incluir o diferente na sociedade acaba respingando nos espaços escolares. Esse movimento acaba sendo impulsionado pelo capitalismo que afasta cada vez mais o se pensar e incluir o diferente para serem mantidas as desigualdades que são tão características deste sistema.

Contribuindo com esse cenário, Doin (2021) expõe que outro fator que agrava essa situação é a formação dos professores que assuntos relacionados ao corpo não chegavam a ser abordados, os que decidiam se aprofundar precisavam recorrer para a formação continuada. Situação que se arrasta por um longo tempo se observada a trajetória histórica da humanidade, fato que colabora para que aqueles grupos marginalizados estejam invisibilizados até mesmo dentro das escolas.

Nesse sentido, a historiografia demonstra que aos poucos esses grupos invisibilizados começam a ocupar espaços e começam a se distanciar de estigmas associados a determinados

grupos, a exemplo o “homossexualismo” que deixa de ser considerada uma doença psicológica. Mas quando voltamos nossos olhares para as escolas e os debates a respeito das possíveis contribuições sobre os estudos de gênero, o que fica explícito é que ainda há muito o que se fazer para a popularização das discussões sobre a temática.

Pois, mesmo os professores que se dedicam a estudar sobre gênero e sexualidade, quando imersos no ambiente escolar, tendo contato direto com estudantes trans, por exemplo, Costa (2022) ressalta que ainda há uma dificuldade por parte destes em como trabalhar com a diversidade sem ser insensível.

Mesmo compreendendo que a escola é um ambiente diversificado e que os professores cada vez mais têm se interessado pela temática, as famílias e até mesmo os estudantes ainda encontram barreiras quando tentam se permitir debater sobre gênero e sexualidade nas escolas, o que fica propício, na maioria das vezes, é que se forma um ambiente nada agradável nessas situações, o debate nesse sentido também contribuiria para conter a evasão dos indivíduos desses grupos marginalizados, que ao passo que não encontram o acolhimento, acabam se distanciando das escolas, afetando então sua formação.

Sabendo ainda, que até mesmo por parte de alguns docentes há uma certa rigidez para lidarem e acolherem estudantes LGBTQIA+, conforme deixa explícito Guimarães (2017), ao mesmo tempo que estes mesmos professores relatam que o que acaba pecando muitas das vezes para saberem lidar nessas situações são elementos como uma boa formação voltada para o tema, como também políticas públicas que atuem mais diretamente nessas questões. Situação que enfatiza o argumento já levantado no tópico anterior, onde temos como peça chave para mudar o cenário atual de discriminação, uma boa formação para os docentes para saberem lidar com as diferenças em sala.

É importante frisar que trazer para a prática as discussões sobre diversidade, envolvendo questões de gênero, raça e sexualidade entram no rol de responsabilidades sociais dos professores e toda a comunidade escolar, mesmo sabendo do desafio que os aguardam, eles podem ultrapassar,

[...] o desafio que lhes está colocado, qual seja, o de ser parte de certa realidade social injusta, dela sofrer influências, e, ainda assim, garantir a possibilidade de educar o aluno como cidadão em formação, de forma que atue como sujeito sociocultural, voltado para mudanças, para a busca de caminhos de transformação social. (BRASIL, 1997, p. 33).

Ou seja, é preciso que aqueles que estejam diretamente ligados à comunidade escolar comecem a agir para mudar o cenário escolar onde elementos como a discriminação e o

preconceito estão se perpetuando, fazendo com que certos grupos marginalizados se afastam dos espaços de formação e comprometam sua inserção no mercado de trabalho.

Quando se evidencia nessas discussões a alta evasão desses grupos minoritários dos espaços de formação, sabe-se que isso se dá em virtude que na maioria das vezes pessoas LGBTQIA+ sofrem com o desamparo, situação vivida até mesmo no seio familiar, o que acaba ocasionando também o isolamento e até mesmo evoluindo para outros problemas. Trazer essas discussões para a escola e promover um ambiente acolhedor, acaba contribuindo para que essas pessoas se afastem do convívio social.

É preciso enfrentar o tabu que se forma nas escolas para tais debates, mesmo que surjam algumas barreiras, pois o que se sobressai principalmente nas escolas públicas são os moldes heteronormativos em torno dos conteúdos e convívio (DUARTE, 2015). Assim como assuntos como as drogas, essa questão de gênero ainda aparece naquela seleção de temas que podem trazer alguma imagem negativa para o ambiente escolar, pois muitas das vezes se fazem presentes na comunidade escolar pessoas que se consideram conservadoras e não abertas a essas discussões.

Ou seja, é preciso mudar esse cenário de discriminação para que esses grupos invisibilizados tenham acesso a uma formação de qualidade, pois sabemos que esse é um elemento chave para uma melhor alocação no mercado de trabalho, chegando até mesmo a cargos de lideranças, quando isso não ocorre, muitos acabam indo por caminhos espinhosos, tendo seu trabalho precarizado, se sujeitando a situações e empregos insalubres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho científico teve como objetivo geral observar como os professores acabam lidando com a diversidade em suas salas de aulas, é preciso reconhecer o que já foi feito para que os debates se façam cada vez mais presentes e que a inclusão seja algo posto em prática, mas é preciso reconhecer que muitas das vezes as barreiras se fazem presentes e esse objetivo não se consolida, principalmente pelo fato de que a maioria dos docentes não possui formação adequada voltada para temas como gênero, raça e sexualidade.

Ou seja, fica evidente que o impedimento maior para que a inclusão seja efetivada nos espaços de escolarização, seja a falta de preparo, pois até mesmo aqueles a qual decidem optar por uma formação continuada a respeito se sentem inseguros no modo de lidar nas situações cotidianas quando se deparam com situações de discriminação e preconceito em sala de aula.

É necessário frisar que esse esforço em mudar o cenário atual onde elementos como a discriminação e o preconceito estão tão evidentes em episódios cada vez mais frequentes para todos os membros ligados à comunidade escolar, pois apenas os professores não conseguem provocar mudanças, esses esforços precisam serem incentivados por meios de atividades que vão além da sala de aula, como, por exemplo, a promoção de atividades nas escolas, palestras e outras ações.

Os espaços escolares deverão atuar como ponto de apoio para o acolhimento para muitos grupos que muitas das vezes são discriminados até mesmo nos seus seios familiares, nesse sentido, a escola e todos os que fazem parte da sua comunidade devem contribuir para a formação de um espaço onde a interação e a convivência entre todos, sem qualquer tipo de distinção, seja de fato algo posto em prática.

Por fim, é preciso salientar que é nesse espaço de escolarização que aqueles indivíduos que futuramente estarão nos postos de trabalho estão frequentando, essas ações para garantir a permanência daqueles grupos invisibilizados surgem no sentido de afastar o fantasma da evasão escolar e também na tentativa de diminuir que estes fiquem expostos a trabalhos degradantes, uma vez que a formação adequada dos indivíduos permite aos mesmos que avancem destino aos postos de trabalho mais qualificados, ocupando até mesmo cargos de liderança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC, 1997.

CANDAU, V. M. **Multiculturalismo e educação:** desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Mariana Esteves. **“Cis”tema de educação e alunas travestis e transexuais:** representações sociais de professores e professoras da rede pública de Belo Horizonte. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/40787/1/cistema%20de%20educa%c3%a7%c3%a3o%20e%20alunas%20travestis%20e%20transexuais%20representa%c3%a7%c3%b5es%20sociais%20de%20professores%20e%20professoras%20da%20rede%20p%c3%bablica%20de%20belo%20horizonte.pdf>. Acesso em: 17 out. 2023.

DOIN. Rafael Romeiro. **O corpo (des)conhecido na docência da educação infantil:** narrativas docentes. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade



Federal de São Carlos. Sorocaba, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14343/DISSERTA%c3%87%c3%83O_R_AFAEL_R_DOIN_2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 09 nov. 2023.

DUARTE, Francisco Ednardo Barroso. **As representações sociais de universitários de sexualidades LGBT sobre seus processos de escolarização e as implicações em seus projetos de vida.** 2015. 307 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8380/1/Tese_RepresentacoesSociasUniversitarios.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156-168, 2003.

MOREIRA, A. F. B.; CÂMARA, M. J. **Reflexões sobre currículo e identidade:** implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2008.